

## 4 Análise dos dados

Quando diante de uma situação de interação oral informal, os falantes jovens utilizam uma série de palavras/expressões para se referirem uns aos outros, podendo ainda, aparecer tanto no início, quanto no fim da frase. Neste trabalho, buscamos categorizar as formas de mais usadas, na função de vocativo, pelos jovens da cidade do Rio de Janeiro para se referirem a outros falantes, em algumas situações comunicacionais orais do cotidiano.

O questionário distribuído aos informantes desta pesquisa (brasileiros e estrangeiros)<sup>4</sup> foi organizado, basicamente, em duas partes. Na primeira, foram apresentadas quatro situações hipotéticas de interações sociais verbais, presentes com frequência na vida cotidiana. Em cada uma delas, os informantes de ambos os sexos deveriam indicar as formas que costumam utilizar em suas interações semelhantes, a fim de se referirem tanto a homens, quanto mulheres. Optamos por não estabelecer um número máximo, nem mínimo, para a quantidade de expressões assinaladas por cada informante, pois acreditamos que isso impediria uma visão mais abrangente da variedade vocabular, bem como de sua possível utilização em situações distintas.

Na segunda parte do questionário, consideramos bastante pertinente indagar, tanto aos brasileiros, quanto aos estrangeiros estudantes de português como segunda língua, suas impressões quanto ao emprego das expressões em função de vocativos. Foram elaboradas, então, duas questões que buscavam perceber se haveria formas lexicais que causariam desconforto para os falantes, bem como para os interlocutores. As mesmas questões solicitavam que também indicassem o porquê do desconforto, indicando quais motivos os levariam a não utilizar determinada expressão, e ainda, os motivos que lhes causariam estranhamento de alguma maneira.

Para fins de maior clareza, optou-se aqui por uma categorização das formas de vocativos utilizadas a partir de alguns parâmetros estabelecidos aprioristicamente:

---

<sup>4</sup> Cf. em 2.5 – número de informantes.

- A) Proximidade e distanciamento;
- B) Variedade lexical e as estratégias de polidez;
- C) Possíveis inadequações lingüístico-situacionais.

Após definirmos tais parâmetros, mostraremos como cada grupo analisado através dos questionários (brasileiros e estrangeiros; homens e mulheres) utilizaria os vocativos, em cada uma das situações propostas, atentando para os parâmetros estabelecidos: proximidade/distanciamento; variedade lexical e estratégias de polidez; e as possíveis inadequações lingüístico-situacionais. Dessa maneira, poderemos ter uma amostra do uso cotidiano dos vocativos, associando-os às questões culturais envolvidas na interação comunicacional.

#### 4.1 Proximidade e distanciamento

Ao iniciarmos a análise dos dados coletados, logo nos foi possível perceber a relevância da questão do nível de proximidade envolvida entre os falantes. De modo geral, trata-se de um aspecto norteador da escolha lexical, consciente ou inconscientemente, tanto para falantes nativos, quanto para os estrangeiros aprendizes do português.

Diante da primeira situação apresentada no questionário: “*Em conversas com seus amigos e/ou familiares, como você se refere a mulheres e homens?*”, observamos que em relação à interação entre homens, as formas apontadas, em ordem de frequência, foram: *cara, moleque, brother, amigo, rapaz, campeão, parceiro, maluco, mané, velho, bicho e bonitão*. Dentro do questionário, esta é a situação que apresenta o maior nível de proximidade, e percebe-se que é onde há maior variedade vocabular, especialmente nos questionários preenchidos por informantes brasileiros. Na interação homem-mulher, as formas mais citadas foram *menina, querida, e cara*, sendo esta última, a única também utilizada como referência aos falantes do sexo masculino. Além dessas, foram também apontadas *linda, amiga, garota e gata*.

Com relação aos dados obtidos no contexto da interação entre falante e interlocutor do sexo feminino, notamos que, ao compararmos com informantes do

sexo masculino, não somente foi encontrado um maior número de termos utilizados de maneira geral, como também um número maior de expressões apontadas por cada informante individualmente.

No contexto da primeira situação, encontramos, em ordem decrescente de frequência, as formas: *amiga, cara, querida, gata, garota, menina, linda, brother* e *meu bem*. Por tratar-se de uma situação de grande proximidade de relações, nenhuma das formas nos pareceu surpreendente, nem mesmo a que normalmente é utilizada com interlocutores do sexo masculino (*brother*). Ao se referirem a homens em interação com alto nível de proximidade, as informantes da pesquisa apontaram os seguintes termos como os mais comuns, em ordem decrescente de frequência: *cara, amigo, moleque, garoto, brother, rapaz, mane, maluco, querido, menino, gato, meu bem, “mirmão”*.

Se observarmos as formas utilizadas como vocativos, levando em consideração todos os tipos de interação (homem-homem; homem-mulher; mulher-mulher; mulher-homem), nota-se que há, de modo geral, uma sensível alteração das escolhas dos falantes, ao se alterar também o nível de proximidade entre os interactantes.

Exemplo nítido de tal fato são as escolhas lexicais para a segunda questão proposta: “*Em conversas com pessoas com idade semelhante à sua, mas com quem você não tem muita proximidade, quais formas você utilizaria para se referir a mulheres e homens?*”. No caso da interação homem-homem, notamos uma maior preferência pela forma *rapaz*, embora outras expressões presentes na questão anterior também tenham sido apontadas. A principal diferença entre as situações foi a forma *moleque* não ter sido citada uma vez sequer, enquanto uma outra surgiu: *irmão*. Além disso, houve quem optasse pela utilização do nome do interlocutor em questão.

Os mesmos informantes consultados, quando diante da do mesmo tipo de situação, mas com um interlocutor do sexo masculino, apontaram, basicamente, as mesmas formas utilizadas na interação com maior proximidade (*menina, querida, cara, linda, amiga*). Entretanto, ao contrário da primeira situação, não encontramos os termos *gata* e *garota*; ambos deram lugar ao uso de *colega*.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Sobre o tal termo, mais comentários serão feitos adiante.

Na interação entre falante e interlocutor do sexo feminino, nota-se que houve uma considerável alteração nas preferências ao compararmos as respostas para a primeira e segunda situação propostas. Foram apontadas: *menina, querida, cara, brother, moça, gata, meu bem*, enquanto expressões como *amiga* e *linda* perdem espaço, provavelmente por denotarem uma proximidade que, no caso da situação proposta, não existiria.

As mesmas informantes, ao expressarem suas opções para se referirem a interlocutores masculinos, apontaram, predominantemente, as mesmas expressões para ambas as situações, alterando, de certa maneira, a ordem da frequência. Enquanto na primeira, observamos a seguinte ordem decrescente: *cara, amigo, moleque, garoto, brother, rapaz, mané, maluco, querido, menino, gato, meu bem, “mermão”*, na segunda, observamos a alteração: *cara, rapaz, mané, brother, menino, amigo, moleque, “mermão”, meu bem* e, ainda, houve quem optasse pelo uso do próprio nome do interlocutor. Uma possível explicação para tais alterações deve-se à distinção de contextos de interação, e os conseqüentes níveis de proximidade entre os interactantes envolvidos.

Com relação à terceira questão apresentada “*Em conversas informais com pessoas com idade superior à sua, com quem você não tem muita proximidade, quais formas você utilizaria?*”, as informantes optaram predominantemente pela forma *senhor*, seguido por *cara, rapaz, menino* e o próprio nome. Causou-nos espanto, neste caso, a utilização de *menino*, por se tratar de uma situação em que a informante estaria interagindo com um interlocutor de idade superior; por esse motivo, entendemos que as chances de haver qualquer tipo de desconforto na comunicação seria considerável.

Quando diante da mesma situação, mas para se referirem a mulheres, as informantes citaram, basicamente, as mesmas formas escolhidas pelos homens informantes: *senhora, menina e querida*. Houve, porém, algumas diferenças, já que nenhum informante do sexo masculino apontou o uso de *tia* ou *moça*. Por outro lado, ao contrário dos homens, as mulheres citaram o uso do nome do interlocutor em foco.

Já ao se referirem a outros homens, mas em uma situação idêntica, os informantes masculinos indicaram com mais frequência as formas *senhor* e *amigo*; porém, ainda foi possível encontrar expressões que nos causaram surpresa, tais como *bicho, moleque, brother, tio e campeão*. Uma possível explicação para

tais ocorrências seria o tipo de personalidade dos falantes, fator que influencia direta e enormemente o comportamento social; assim, é possível que alguns optem por criar uma relação de maior proximidade em qualquer interação social. Por outro lado, é possível também que tais formas nem sempre sejam bem recebidas pelo interlocutor. Em outras palavras, é possível que, apesar da naturalidade com que o falante empregue determinada expressão, aconteçam situações em que o interlocutor não se sinta confortável. Sendo assim, é preciso sempre atentar para os casos de inadequação vocabular, tão comuns na utilização dos vocativos.

A última questão apresentada foi a seguinte: “*Em um estabelecimento comercial, onde você é o (a) cliente, como se referiria à pessoa que o (a) atende?*”. A elas, os informantes masculinos, ao se referirem a outros homens, apontaram predominantemente o termo **amigo**, embora outros também tenham sido apontados, tais como: **campeão, senhor, parceiro, chefe, chefia, brother**. O uso do termo **amigo** para se referir a pessoas que, de fato, não são amigos no real sentido da palavra, é curioso. Previamente à coleta dos dados, tínhamos como expectativa encontrar um significativo número de utilizações de tal termo; e isso realmente se deu. Parece-nos que, geralmente, essa escolha acontece numa tentativa de criar um clima de simpatia, de maior aproximação entre os interactantes e, assim, manter um canal de comunicação mais amistoso, com menos espaço para ameaças à face dos envolvidos.

Quando diante de mulheres, numa situação semelhante, os informantes citaram o uso de algumas expressões que também serviriam para o contexto da terceira questão: **senhora, querida e moça**; e ainda, foram apontados o uso de **amiga, amor, menina** e o nome do interlocutor. É interessante observar que, mesmo não sendo esta uma situação em que há uma real proximidade de relações sociais, muitos falantes optam por expressões que aproximam, diminuindo assim, a lacuna que naturalmente é criada em uma situação como esta.

As informantes do sexo feminino optaram, basicamente, pelas mesmas expressões, variando somente a frequência; o termo **moça** foi mais frequentemente citado, enquanto os homens dividiram sua preferência quanto a tal expressão, com **senhora** e **querida**. Nos dados obtidos com as informantes mulheres, ainda nos foi possível encontrar o uso de **meu bem** e **meu amor**, bem como a opção por evitar quaisquer formas; fato que só corrobora a nossa hipótese

inicial, de que até mesmo os falantes nativos da língua muitas vezes enfrentam dificuldades nas escolhas vocabulares.

Ao se referirem a interlocutores masculinos, as informantes optaram, predominantemente, pelas formas equivalentes *moço* e *senhor*, seguidas então, por *rapaz*, *brother*, *meu bem* e *amigo*, sendo este último, bem mais comum na interação entre homens em geral. Houve também quem preferiu evitar quaisquer formas de vocativo, demonstrando, mais uma vez, o receio que os falantes, em geral, têm de cometer gafes lingüístico-culturais. Por outro lado, causou-nos relativo espanto a utilização de *brother* e *meu bem* nesse tipo de situação conversacional, uma vez que a primeira expressão costuma ser uma marca de maior proximidade, e a segunda poderia ser entendida pelo interlocutor não somente como uma forma de simpatia, mas também como algum modo de demonstrar interesse afetivo, por exemplo.

Tal fato demonstra bastante a visão que se tem do comportamento do brasileiro, que mescla suas identidades, em espaços como a casa e a rua (DaMatta, 1997). No momento em que um determinado falante interage com um atendente em um estabelecimento comercial, por exemplo, e dirige-se a ele utilizando formas semelhantes a que usa com amigos ou familiares, fica nítido que essa distinção não se mostra exata para tal falante. É como se o espaço da *rua*, normalmente entendido como o lugar em que estão presentes o afastamento e carga negativa, fosse meramente um prolongamento da *casa*, onde existe normalmente mais intimidade e menor distância social. Nem todas as sociedades admitem essa espécie de mistura, essa “transição” entre estes dois âmbitos sociológicos, mas o contexto brasileiro é um dos casos em que isso é possível muitas vezes, especialmente em virtude da sociedade ter sido estruturada a partir de misturas de raças e culturas.

Essa questão ficou ainda mais nítida, pois, paralelamente à observação de dados de falantes brasileiros, também dedicamos atenção aos dados obtidos com estrangeiros aprendizes do português como segunda língua, buscando semelhanças e distinções nos usos dos vocativos. Confirmando nossa expectativa, a variedade lexical presente em todas as situações propostas foi menor do que a apresentada pelos falantes nativos; porém, nota-se que a maioria dos aprendizes do português consultados percebe que existe uma diferença de proximidade entre

os interactantes das situações apresentadas, e são mais raras as ocasiões em que mesclam os espaços de *casa* e *rua*.

Tal observação nos mostra que, no processo de aprendizagem de uma segunda língua, mesmo numa situação de imersão, os aprendizes parecem encontrar bastante dificuldade em apreender a cultura embutida a ela. Isso porque a cultura em que crescemos, em que adquirimos nossos valores e modos de pensamento, influencia-nos constantemente, mesmo como uma espécie de parâmetro para comparações com outras culturas. Dessa maneira, observamos, também através dos comentários feitos pelos próprios aprendizes no momento do preenchimento dos questionários, que há uma tentativa de buscar equivalências entre as línguas, enquanto, mesmo inconscientemente, alguns aprendizes mais atentos demonstraram saber que a chave para uma comunicação eficaz não consiste somente em traduzir, e sim em compreender como aquele termo significa culturalmente naquela sociedade (“*não é a mesma coisa*”, alguns afirmavam).

Ao analisarmos mais minuciosamente os dados, percebemos que há certas preferências de expressões para denotar proximidade ou afastamento. Entre as formas que demonstram proximidade com relação a interlocutores do sexo masculino, notamos que homens preferem *cara*, *moleque* e *brother*, enquanto mulheres optam por *cara* e *amigo*. O uso de *amigo* é um caso curioso, pois ao mesmo tempo em que caracteriza proximidade quando usado por mulheres, demonstra afastamento, quando usado por homens. Já as mulheres, para caracterizar afastamento, optam em geral, por *moço*.

No que diz respeito às interações com interlocutores do sexo feminino, nota-se que a proximidade é marcada, predominantemente, por *amiga*, quando proferido por outras mulheres; e por *menina* ou *querida*, quando proferido por homens. Já no caso de demonstração de afastamento, houve semelhança de respostas entre homens e mulheres; ambos os grupos optaram por *moça*, embora os homens também tenham citado, com certa frequência, *senhora* e *querida*.

Outro caso interessante a comentar é o uso do termo *querida*, citado por homens e mulheres, em situações de maior proximidade e também em situações de maior afastamento. No que diz respeito ao uso para maior proximidade, notamos que homens e mulheres utilizam da mesma forma, basicamente, em interações com amigas ou mulheres membros da família. No entanto, entendemos que a diferença se dá no uso para contextos de maior afastamento. Isso porque,

para os homens, a intenção é geralmente criar uma atmosfera de simpatia, mesmo com quem não possuem grande intimidade; enquanto as mulheres, ao utilizarem tal termo, podem indicar tanto essa mesma intenção de simpatia, quanto até mesmo algum tipo de ironia, se o proferirem com tom jocoso ou pejorativo.

Tendo em vista tais constatações, cabe ressaltarmos as distinções no uso dos equivalentes *amigo* e *amiga*. A princípio, seria apenas uma mudança na desinência de gênero, mas na prática, a distinção é maior. As mulheres, ao utilizarem o termo *amiga*, geralmente costumam se referir a outras mulheres com quem realmente há uma relação próxima, de amizade; o mesmo se dá quando usam o equivalente masculino *amigo*. No entanto, quando falantes homens utilizam *amigo* na interação com outros homens, essa relação de amizade geralmente não existe. Na maioria das vezes, optam por utilizar tal termo na interação com interlocutores com quem não existe uma real relação de amizade, mas com quem pretende manter uma atmosfera de simpatia, seja para preservar a face dos envolvidos na interação, ou para requisitar determinado serviço, por exemplo.

No quadro a seguir, é possível visualizar melhor o que foi apresentado até aqui sobre a relação dos níveis de proximidade/distanciamento na utilização dos vocativos pelos falantes brasileiros consultados. Apresentamos para cada caso, as três formas mais frequentemente citadas

Quadro 1

<i>Falantes Brasileiros</i> <sup>6</sup>		
	+ PROXIMIDADE	+ DISTANCIAMENTO
Homens	<i>Cara</i>	<i>Amigo</i>
↓	<i>Moleque</i>	<i>Campeão</i>
Homens	<i>Brother</i>	<i>Senhor</i>
Homens	<i>Menina</i>	<i>Senhora</i>
↓	<i>Querida</i>	<i>Querida</i>
Mulheres	<i>Cara</i>	<i>Moça</i>
Mulheres	<i>Amiga</i>	<i>Moça</i>
↓	<i>Cara</i>	<i>Senhora</i>
Mulheres	<i>Querida</i>	<i>Querida</i>
Mulheres	<i>Cara</i>	<i>Moço</i>
↓	<i>Amigo</i>	<i>Senhor</i>
Homens	<i>Moleque</i>	<i>Rapaz</i>

<sup>6</sup> Consideramos o universo e 30 falantes cariocas, de idades entre 18 e 25 anos. Cf. 2.5, p. 33.

O mesmo foi feito também com relação aos falantes estrangeiros. Se compararmos e contrastarmos os dados em ambos os quadros, podemos perceber uma série de semelhanças entre os grupos pesquisados; porém, notamos também que certas sutilezas não são percebidas pelos estrangeiros, como por exemplo, as que envolvem o uso do termo *amigo*. A carga semântica apresentada é bastante diferente se observarmos o uso de tal termo por mulheres, e por homens, pois, ao mesmo tempo em que mulheres utilizam em contexto de maior proximidade, o inverso ocorre com os homens, que o utilizam em contexto de maior distanciamento.

Quadro 2

<i>Falantes Estrangeiros</i> <sup>7</sup>		+ PROXIMIDADE	+ DISTANCIAMENTO
<b>Homens</b>		<i>Cara</i>	<i>Amigo</i>
↓		<i>Amigo</i>	<i>Senhor</i>
<b>Homens</b>			<i>Moço</i>
<b>Homens</b>		<i>Amiga</i>	<i>Moça</i>
↓		<i>Linda</i>	<i>Querida</i>
<b>Mulheres</b>		<i>Cara</i>	<i>*Evita formas</i>
<b>Mulheres</b>		<i>Menina</i>	<i>Moça</i>
↓		<i>Querida</i>	<i>Senhora</i>
<b>Mulheres</b>		<i>Amiga</i>	<i>Querida</i>
<b>Mulheres</b>		<i>Cara</i>	<i>Moço</i>
↓		<i>Amigo</i>	<i>Senhor</i>
<b>Homens</b>		<i>Rapaz</i>	<i>Rapaz</i>

A partir da análise das realidades dos usos dos vocativos utilizados por ambos os grupos, levando em consideração cada um dos quatro padrões de interação analisados, em cada uma das situações propostas, foi-nos possível notar semelhanças e diferenças. De forma geral, os brasileiros admitem o uso de expressões vocativas que denotam proximidade para ambos os sexos, como por exemplo, *cara*. Os falantes estrangeiros, por sua vez, não pareceram confortáveis em utilizar esta mesma expressão vocativa para se dirigirem a falantes mulheres. Notamos também maior receio nas escolhas feitas por falantes estrangeiros, fato que prevíamos antes da análise e que foi confirmado com dados. Tal receio transparece na utilização das estratégias de polidez, assunto do próximo tópico.

<sup>7</sup> Consideramos o universo de 30 falantes estrangeiros, de idades entre 18 e 25 anos. Cf. 2.5, p. 33.

## 4.2 Variedade lexical e as estratégias de polidez

Se observarmos a variedade lexical utilizada pelos informantes masculinos consultados para ambos os usos (homens e mulheres), percebemos que o número de itens para se referirem aos interlocutores homens é maior em todas as situações propostas. Entendemos que talvez isso ocorra como consequência de uma sensação de conforto ao se relacionarem com indivíduos do mesmo sexo; isto é, conforto por saberem mais corretamente como lidar e os limites existentes na relação social em questões como a proximidade. Ao se encontrarem numa situação de interação conversacional com indivíduos do sexo feminino, parecemos que há um maior receio nas escolhas, dependendo bastante do nível de proximidade entre os falantes.

No entanto, de maneira geral, o mesmo não foi detectado nos questionários das informantes mulheres. Em todas as situações, apresentam maior variedade nos vocativos escolhidos, embora tenham demonstrado, em suas justificativas, o mesmo tipo de receio de cometer gafes lingüístico-culturais. Diante disso, é importante ressaltar que, por desenvolvermos aqui uma pesquisa predominantemente qualitativa, não visamos apresentar percentuais ou outro tipo de número relativo à frequência dos usos, mas disponibilizar um panorama do uso dos vocativos no cotidiano dos jovens, e possíveis generalizações e interpretações dos mesmos.

Durante a observação dos questionários, notamos que, por haver uma considerável preocupação por parte dos falantes em serem compreendidos, evitando assim, desconfortos na comunicação, há as chamadas estratégias de polidez. A questão da polidez é um dos aspectos presentes na comunicação do cotidiano, e tal realidade não é diferente no uso dos vocativos. Já havíamos mencionado anteriormente neste trabalho o papel da polidez, e durante a análise, foi-nos possível confirmar, nos próprios dados, essa expectativa prévia.

Constatamos também a idéia inicial de que haveria mais presença de estratégias de polidez quanto menor fosse o nível de proximidade entre os interactantes. Quando diante de interações com níveis altos de proximidade, várias foram as formas citadas pelos informantes, o que demonstra um bem-estar comunicacional; por outro lado, o mesmo não se dá, freqüentemente, nas

interações com menores níveis de proximidade. Muitos informantes declararam diretamente as estratégias que adotam no cotidiano das interações conversacionais, e muitos ainda comentaram, verbalmente, que não haviam percebido como as escolhas dos vocativos são constantes, e o tamanho da importância das mesmas.

Na interação entre falantes do sexo masculino, nas situações de conversas informais com interlocutores de idade superior, ou de conversas em estabelecimento comercial, houve quem afirmasse que opta pela utilização do nome do interlocutor, ao invés de formas mais específicas, nas situações numa tentativa de evitar inadequações.

Quando comparamos tal realidade aos dados coletados com informantes estrangeiros, notamos que cada informante optou por menos variedades de expressões em todas as situações sendo, *amigo*, a forma mais utilizada pelos falantes estrangeiros. Notou-se também, que alguns optaram por evitá-las e substituir pelo nome da pessoa com quem estivessem interagindo na conversa. Outros, ainda, afirmaram que não utilizariam forma alguma, ou seja, evitariam o uso de qualquer forma numa tentativa, segundo nossa interpretação, de evitar problemas na comunicação e contextos de ameaça à face dos interactantes.

Tais estratégias se mostraram ainda mais presentes nos questionários de estrangeiros do sexo masculino, quando indagados quanto à interação com interlocutores do sexo feminino. Acreditamos que isso ocorra por basicamente dois motivos principais que estão, muitas vezes, interligados: receio de cometer inadequações lexicais, e talvez, um repertório limitado de expressões vocativas. Nossa crença nessa influência se baseia no fato de que até mesmo os informantes brasileiros demonstraram fazer uso de algumas delas. Através dos questionários das informantes mulheres, percebemos que utilizam mais freqüentemente e de forma variada, as estratégias de polidez do que os homens, tanto em interações com homens, quanto com outras mulheres.

Na seção sobre proximidade e afastamento, comentamos sobre o uso dos termos *amigo* e *amiga*, e suas peculiaridades, bem como a interpretação implícita ao seu emprego. Sendo assim, é interessante também notar a diferença de uso das expressões *menina* e *menino*, pois certamente transcende a mera variação de desinência de gênero.

Foi possível perceber que mulheres citaram o uso de *menino* em três, das quatro situações propostas no questionário. No entanto, causou-nos espanto a utilização de tal termo em uma interação com um interlocutor de idade superior; por esse motivo, entendemos que as chances de haver qualquer tipo de desconforto na comunicação seria considerável. É interessante ressaltar, em contrapartida, que o uso de *menina* para referir-se a uma mulher, na mesma situação, não teria, provavelmente, o mesmo impacto que o equivalente masculino. Isso porque, culturalmente, é polido evitar formas que indiquem uma idade mais avançada para mulheres; enquanto para homens, tal escolha pode sugerir, mesmo que inconscientemente, uma referência infantil ao papel social viril que a figura do homem representa.

O quadro a seguir apresenta, resumidamente, o que percebemos ao longo da análise na questão das estratégias de polidez utilizadas por falantes brasileiros, levando em consideração as diferentes situações apresentadas e os níveis de proximidade e afastamento de cada uma. Optamos por selecionar, para esse quadro, a expressão mais apontada pelos informantes para cada situação, e também (quando mencionado no questionário), ao menos uma forma alternativa de se portar diante do uso dos vocativos.

Quadro 3

<i>Falantes Brasileiros</i> <sup>8</sup>				
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ				
	+ proximidade		- proximidade	
	1ª situação	2ª situação	3ª situação	4ª situação
<b>Homens</b>	- <i>cara</i>	- <i>brother</i>	- <i>amigo</i>	- <i>amigo</i>
↓			- <i>uso do nome</i>	
<b>Homens</b>				
<b>Homens</b>	- <i>menina</i>	- <i>menina</i>	- <i>senhora</i>	- <i>moça</i>
↓		- <i>uso do nome</i>		- <i>uso do nome</i>
<b>Mulheres</b>				
<b>Mulheres</b>	- <i>amiga</i>	- <i>menina</i>	- <i>senhora</i>	- <i>moça</i>
↓		- <i>uso do nome</i>	- <i>uso do nome</i>	- <i>uso do nome</i>
<b>Mulheres</b>				- <i>evita formas</i>
<b>Mulheres</b>	- <i>cara</i>	- <i>cara</i>	- <i>senhor</i>	- <i>moço</i>
↓		- <i>uso do nome</i>	- <i>uso do nome</i>	- <i>evita formas</i>
<b>Homens</b>				

<sup>8</sup> Consideramos o universo e 30 falantes cariocas, de idades entre 18 e 25 anos. Cf. 2.5, p. 33.

O mesmo modelo de quadro foi utilizado para o levantamento das estratégias apontadas pelos falantes estrangeiros consultados. Através desse tipo de apresentação dos dados obtidos, é possível visualizarmos melhor a realidade do uso dos vocativos, e o nível de sensibilidade para as sutilezas do uso dos mesmos.

Quadro 4

<i>Falantes Estrangeiros</i> <sup>9</sup>				
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ				
	+ proximidade		- proximidade	
	1 <sup>a</sup> situação	2a situação	3 <sup>a</sup> situação	4 <sup>a</sup> situação
<b>Homens</b>	- <i>cara</i>	- <i>cara</i>	- <i>amigo</i>	- <i>amigo</i>
↓	- <i>nome</i>			- <i>evita formas</i>
<b>Homens</b>				
<b>Homens</b>	- <i>amiga</i>	- <i>amiga</i>	- <i>amiga</i>	- <i>moça</i>
↓	- <i>uso do nome</i>	- <i>evita formas</i>	- <i>evita formas</i>	- <i>evita formas</i>
<b>Mulheres</b>	- <i>evita formas</i>			
<b>Mulheres</b>	- <i>amiga</i>	- <i>menina</i>	- <i>senhora</i>	- <i>moça</i>
↓		- <i>evita formas</i>	- <i>uso do nome</i>	
<b>Mulheres</b>				
<b>Mulheres</b>	- <i>cara</i>	- <i>cara</i>	- <i>senhor</i>	- <i>moço</i>
↓		- <i>evita formas</i>	- <i>evita formas</i>	
<b>Homens</b>				

Ao atentarmos para uma comparação entre ambos os grupos consultados (brasileiros e estrangeiros), nota-se que, em geral, os falantes estrangeiros de fato utilizam uma menor variedade de expressões; no entanto, as estratégias de polidez a fim de evitarem uma situação inadequada estão presentes mais frequentemente do que na realidade de brasileiros. As estratégias mais apontadas foram o uso do nome do interlocutor em questão, ou ainda, a opção pelo não-uso de qualquer forma, deixando, assim, a posição de vocativo vazia.

<sup>9</sup> Consideramos o universo e 30 falantes estrangeiros, de idades entre 18 e 25 anos. Cf. 2.5, p. 33.

### 4.3 Possíveis Inadequações lingüístico-situacionais

Diante de todas as situações apresentadas aos informantes e dos dados obtidos a partir dos questionários, notamos que parece existir, de fato, uma parcela de racionalidade nas escolhas lexicais da função de vocativo. Os falantes parecem possuir os temas que se sentem mais confortáveis em utilizar e, em geral, buscam adequar-se aos contextos comunicacionais. No entanto, em alguns casos não nos é nítida essa preocupação, o que nos leva a supor que seriam situações em que seria possível haver inadequações, desconfortos e até mesmo constrangimentos durante a interação, dependendo diretamente do interlocutor e de sua percepção.

Mesmo tendo sido citadas mais freqüentemente pelos informantes consultados, não se pode afirmar que as expressões são unanimemente aceitas por todos os falantes da língua, pois perguntados ao fim do mesmo questionário quanto às expressões que não se sentem confortáveis em utilizar, ou que outras pessoas utilizem para chamá-los, houve consideráveis demonstrações de insatisfação.

Alguns dos informantes do sexo masculino, com relação à interação com outros homens, citaram *brother* e *mané* como expressões que soariam mal, que representariam uma falta de boas maneiras do falante, ou que seriam, ainda, exemplos do que foi chamado de “vocabulário pobre”. No entanto, notamos através de observação diária de interações entre jovens, que tais expressões são bastante comuns e, por isso, o fato de serem apontadas como causadoras de estranhamento surpreendeu-nos ao longo da análise. Outro detalhe que percebemos é a distinção de carga semântica com relação ao termo *mané*, que varia se utilizado como vocativo ou como predicativo. Na posição de vocativo, em geral, não apresenta carga negativa, enquanto se utilizado como predicativo (*Ele é mané!*) adquire uma carga pejorativa, qualificando negativamente a pessoa em questão.

*Braço*, *ném* e *colega* são exemplos de outras formas citadas como causadoras de algum tipo de mal-estar ao serem utilizadas, já que especialmente *nem* e *colega* são marcas comuns do vocabulário de classes sociais mais desfavorecidas. Outra expressão apontada negativamente por um informante foi

*cara*, entendida como uma possível demonstração de confronto ao interlocutor, e por isso, também demonstração de falta de boas maneiras. É importante ressaltar, porém, que tal comentário causou surpresa ao analisarmos, uma vez que tal forma é comumente utilizada em conversas, pelas mais variadas faixas etárias em situações informais.

Na interação com interlocutores do sexo feminino, os informantes explicitaram seu desconforto em utilizar *gata*, por considerarem um exemplo de falta de boas maneiras, em qualquer tipo de interação; acrescentando, ainda, que “*a menina pode não gostar de ser chamada assim*”. Neste depoimento, fica clara a preocupação do falante com relação à recepção de sua mensagem pelo outro indivíduo; sendo assim, entende-se que suas escolhas lexicais dependem diretamente da expectativa que ele tenha quanto à recepção de suas palavras.

Além deste caso, foi também citado o termo *colega*, da mesma forma que quando utilizado para interlocutores do sexo masculino, como exemplo de um vocabulário restrito<sup>10</sup>, o qual soaria mal numa conversa por ser constantemente associado aos falantes de classes sociais desfavorecidas. As expressões *querida* e *linda* também foram citadas como inadequadas por um único informante, mas isso nos causou surpresa, uma vez que o mesmo justificou tal opinião afirmando que, juntamente com *gata*, não soariam bem em nenhum tipo de conversa. Tal fato causou-nos surpresa por serem expressões amplamente utilizadas na sociedade, em variadas situações, e com possibilidades distintas de intenção comunicativa, mas que não costumam ser recebidas pejorativamente, em termos gerais. Apesar de não termos encontrado outras opiniões semelhantes, consideramos pertinente abordar tal fato na análise, já que esta se constitui, predominantemente, a partir de uma postura qualitativa.

Os informantes estrangeiros também foram questionados quanto aos vocativos que não se sentiam confortáveis em usar, ou que não consideravam adequados que outros falantes usassem para se referirem a eles. Como exemplos disso, foram citados *cara*, *rapaz* e *brother*, esta última, sendo vista como não comum pelos estrangeiros não-americanos. Além dessas, também foram apontados os termos *maluco* e *gringo*, ambos por causarem impressão de ofensa.

---

<sup>10</sup> As palavras reais do informante em questão foram: “*colega* parece vocabulário pobre”.

Nos dados obtidos com os estrangeiros aprendizes do português como segunda língua, da mesma forma que ocorreu com a interação homem-homem, a variedade lexical na interação homem-mulher tem uma extensão menor; cada informante optou, em geral, por apenas uma das opções de expressão para vocativos em cada situação. Entendemos que isso possa ser um reflexo de uma combinação de fatores, tais como o estágio de aprendizado da língua portuguesa em que se encontram e o vocabulário pertinente a ele, além de um receio de fazer uso de expressões inadequadamente em interações sociais.

No que diz respeito aos termos que não se sentem confortáveis em utilizar, não foi possível encontrar nenhum depoimento feito pelos estudantes de português com relação aos vocativos para conversas com interlocutores do sexo feminino. No entanto, ao analisarmos as respostas apresentadas para a terceira situação proposta no questionário, encontramos escolhas por vocativos que nos causaram certa preocupação. Ao contrário dos brasileiros, que optaram por expressões como *senhora*, *moça* e *querida*, os falantes estrangeiros optaram por *amiga*, *moça* e *linda*. Especialmente os usos de *amiga* e *linda* poderiam representar reais motivos para desconforto por parte do ouvinte, sendo tal pessoa de faixa etária superior, e sem alto grau de proximidade.

Ao observarmos as impressões descritas pelas informantes mulheres consultadas, a lista apresentada como respostas e suas justificativas nos pareceu mais detalhada do que as opiniões masculinas. Surgiram reclamações quanto às expressões: *linda*, *amiga*, *querida* e *gata*, as quais soariam como falsidade caso fossem utilizadas com qualquer interlocutor; em outras palavras, seria necessário um grau de proximidade considerável para que fossem utilizadas inadequadamente. Ainda sobre elas, houve comentários que apontaram para a banalização da amizade, caso *amiga* seja utilizada em qualquer tipo de interação conversacional.

Algumas informantes acrescentaram, ainda, que não se sentem confortáveis quando o interlocutor em foco utiliza expressões como *tia* (sem ter qualquer tipo de laço familiar); porém, ao pesquisarmos no dicionário o que constava para o verbete “tio”, encontramos como “tratamento dado pelos meninos a adultos, sobretudo aos de condição superior” (Ferreira, 1972, p.1379). Notamos, com esse fato, que mesmo sendo reconhecido perante a gramática normativa, como vocábulo possível em tal função, isso não implica na conseqüente aceitação

unânime pelos usuários da língua. Outro termo citado pelas informantes foi *ném* (especialmente quando se trata de um desconhecido, soa mal e constitui-se, predominantemente, em item do vocabulário de falantes de baixa escolaridade); *princesa* (soa vulgar, especialmente, por homens desconhecidos); e *senhora* (quando atendentes procuram ser educados, e não atentam para a pouca idade da cliente – neste caso, é preciso que lembremos que os questionários desta pesquisa foram preenchidos por jovens entre dezoito e vinte e cinco anos, e provavelmente por isso, houve esse tipo de desconforto).

Também encontramos comentários quanto às expressões que, embora relativamente comuns no cotidiano, não são bem recebidas por parte dos falantes. Entre elas, encontram-se *brother*, *moleque* e *maluco* (entendidos como vocabulário vulgar e, muitas vezes, estereotipados como parte do léxico de certos sub-grupos<sup>11</sup> sociais, em função do nível de escolaridade). Além disso, foram também citadas *ném*, *mané* e *colega*, como exemplos de expressões deselegantes, ou simplesmente “feias”, segundo as informantes, em qualquer tipo de interação conversacional.

Uma das informantes aprendizes do português como segunda língua, quando perguntada quanto aos termos que não se sente confortável em utilizar, apontou *linda*, pois denotaria muito carinho. Acrescentou, ainda, que utilizaria o equivalente masculino *lindo*, somente para o namorado. Houve quem apontou *moço* e *moça* como expressões cujo uso demonstraria falta de respeito; neste caso, nota-se claramente uma falta de conhecimento da cultura subjetiva inerente aos contextos sociais. A partir de um exemplo como este, comprova-se na prática, aquilo que defendemos como postura da pesquisa; isto é, que a fim de obter-se uma comunicação eficaz, é necessário mais do que um simples conhecimento do código da língua quanto à ortografia, sintaxe etc. O aspecto subjetivo presente em qualquer cultura e sua língua talvez seja a parte que demande maior dedicação e atenção por parte do aprendiz.

Foram feitas também referências ao uso de *brother*, tido como “muito americano” por estrangeiros não americanos, demonstrando uma espécie de repulsa cultural, sobre a qual não nos estenderemos aqui, pois nos desvirtuaríamos dos objetivos iniciais. Ainda houve referência ao termo *gata*, entendido como

<sup>11</sup> Entendemos “*sub-grupos*” como sub-divisões de grupos maiores dentro da sociedade, e não com carga semântica pejorativa.

degradante, e *cara*, o qual demonstraria falta de respeito; fatos que apresentam semelhança com opiniões de algumas brasileiras.

No quadro a seguir, tentamos resumir as impressões relatadas pelos informantes brasileiros consultados<sup>12</sup>, a respeito das expressões que causariam desconforto em uma interação conversacional.

Quadro 5

<i>Falantes Brasileiros</i> <sup>13</sup>		
	<b>Vocativos rejeitados</b>	<b>Justificativa</b>
<b>Homens</b>	1- <i>Braço, nem, brother, colega</i>	1- Vocabulário “pobre”
↓	2- <i>cara</i>	2- soa como confronto
<b>Homens</b>	3- <i>brother/mané</i>	3- visto como muito informais
	4- <i>tio</i>	4- remete à idade mais avançada
	5- <i>moleque</i>	5- falta de educação
<b>Homens</b>	1- <i>Gata</i>	1- Não soa bem; termo “feio”
↓	2- <i>Linda</i>	2- Soa estranho se não for em contexto de grande proximidade
<b>Mulheres</b>		
<b>Mulheres</b>	1- <i>moça</i>	1- soa artificial
↓	2- <i>Linda, amiga, querida</i>	2- soa falso se usado para qualquer pessoa
<b>Mulheres</b>	3- <i>tia</i>	3- não faz sentido sem ser da família
	4- <i>senhora</i>	4- remete à idade avançada
<b>Mulheres</b>	1- <i>brother, maluco</i>	1- estereotipado para surfistas, funkeiros etc
↓	2- <i>mané, moleque</i>	2- vulgar
<b>Homens</b>	3- <i>colega</i>	3- deselegante
	4- <i>ném</i>	4- vocabulário “pobre” (=restrito)

Consideramos tal panorama uma melhor maneira de visualizar e, assim, compreender os dados que expusemos até aqui. Se considerarmos que até mesmo na interação entre falantes nativos do Português, podem ocorrer casos de mal-entendidos e até mesmo constrangimentos, isso nos leva a concluir que para estrangeiros, a questão do vocativo se constitui em aspecto relevante a fim de que possam alcançar uma comunicação eficaz.

<sup>12</sup> Ao contrário das seções anteriores de análise dos dados, não consideramos pertinente elaborar um quadro do mesmo modelo para as informações relatadas por estrangeiros, uma vez que poucos falantes foram capazes de relatar tais tipos de impressão.

<sup>13</sup> Consideramos o universo e 30 falantes cariocas, de idades entre 18 e 25 anos. Cf. 2.5, p. 33.